

## “E o Verbo se fez carne” faz de Jesus o próprio Deus?

“Nada pode se impor melhor sobre as pessoas do que a verborragia; quanto menos elas entendem, mais admiram. Os nossos padres e doutores [cristãos] sempre disseram, não o que pensavam, mas o que a circunstância e a necessidade os forçou a fazer.” (S. GREGÓRIO NAZIANZENO).

Os primeiros versículos do Evangelho Segundo João são os mais utilizados por fiéis seguidores das correntes cristãs tradicionais para sustentar que Jesus é o próprio Deus encarnado, ou seja, consideram-nos como prova de Sua divindade.

Considerando que os espíritas, em grande parte, são egressos dessas correntes, resolvemos fazer um estudo sobre este assunto, para ver se esta percepção pode ser defendida no meio espírita. Em razão disso esclarecemos que este nosso texto é especialmente dirigido aos espíritas e, por oportuno, também deixamos bem claro de que nada temos contra os que têm concepção diferente da que vamos defender aqui, pois, se advogamos o direito de pensarmos como quisermos, devemos, por obrigação moral, aceitar o uso desse direito pelos outros.

Para explicar como certas “verdades” são perpetuadas tomamos emprestado esse trecho da obra *História das Religiões e a dialética do sagrado*, de Leonardo Arantes Marques (1968- ), filósofo, escritor, psicólogo e historiador das religiões reconhecido em diversos Estados, Universidades e Faculdades do Brasil:

Antes de iniciarmos o nosso pensamento, gostaria de contar um experimento científico que pode ajudar-nos a entender e fazer-nos refletir sobre as nossas possíveis ideologias e verdades.

Dois cientistas resolveram fazer um experimento sobre comportamento de massa repetitivo. Para isso, escolheram cinco macacos que se destacaram, num grupo de vinte, como os melhores em uma bateria de testes feitos antes de colocá-los no experimento original. Estando tudo pronto, macacos esses que poderíamos considerar como os mais espertos foram todos colocados em uma jaula. No teto dessa jaula encontrava-se um cacho de bananas e abaixo do cacho, uma escada que facilmente daria acesso a elas. No início, como os macacos estavam alimentados, não deram muita importância para o cacho de bananas, que parecia apetitoso. Após algumas horas, um dos macacos, que seria considerado o mais elétrico e brincalhão, atreveu-se a subir à escada para pegar as bananas. Nisso, uma rajada de água fria foi lançada sobre os que ficaram no chão. E assim, todas as vezes que algum deles tentava subir a escada para pegar as frutas, a água era lançada nos que estavam no chão. Após alguns jatos de água fria, sempre que um deles fazia algum movimento em direção a escada ou tentava subir os degraus, os

outros quatro rapidamente o seguravam e o agrediam fisicamente. Passado algum tempo, um deles foi substituído por um macaco novo e a sua primeira reação foi subir a escada para pegar as bananas, sendo obstado quase que automaticamente pelos outros quatro, que o agrediram fisicamente. Pasmem! Outro macaco foi substituído e novamente repetiu-se a situação com um agravante surpreendente: o que havia tomado a surra participou, como se também tivesse tomado o banho frio e, com prazer, ajudou a espancar o novato. Assim, foram substituídos todos os outros três macacos, ficando na jaula cinco macacos que nunca participaram de um único banho frio. No entanto, repetiam o mesmo comportamento condicionado anteriormente de espancar todos aqueles, novatos ou não, que tentavam aproximar-se ou subir a escada para pegar as bananas. Se tivéssemos a oportunidade de conversar com eles e perguntar-lhes por que faziam isso, possivelmente responderiam como muitos de nós: “não sei, sempre foi assim”. (MARQUES, 2005, p. 218-219).

Não temos dúvida de que essa narrativa é uma boa ilustração do comportamento humano, pois a grande maioria de nós faz, exatamente, o que aí se apresenta como pano de fundo. Muitas vezes defendemos pontos de vista que nem mesmo os entendemos e até aqueles que são, reconhecidamente, contraditórios, isso pouco nos importa, já que, para nós, o mais importante é não mudar de opinião e/ou postura diante de algo.

Diante disso trazemos para reflexão esta fala do escritor Tom Harpur (1929- ): “Todos nós precisamos examinar nossas crenças e práticas religiosas de tempos em tempos, para ver até que ponto são governadas, não pela inteligência e liberdade espiritual, mas por hábitos de infância e tabus aprendidos na adolescência.” (HARPUR, 2010, p. 36).

Se aplicarmos isso, é certo que, meio decepcionados, constaremos que, muitas vezes, fomos enganados com informações que não representam os fatos e nem a verdade, como também induzidos a concordar com opiniões pessoais de indivíduos defensores de dogmas, sejam eles religiosos ou científicos.

Vejamos o texto bíblico referenciado:

*João 1,1-3.14: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez. E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai”.*

Um ponto importante que estamos sempre lembrando aos que acreditam que, em todo o Antigo Testamento, existem profecias a respeito de Deus enviar um mensageiro – o Messias – à humanidade é que eles deveriam refletir melhor sobre a deificação de Jesus, pois não há em nenhuma destas previsões algo que afirme que o

próprio Deus viria pessoalmente encarnar num corpo humano, que, provavelmente, nem suportaria a Sua Magnitude, o que, por lógica, nos faz acreditar que são personalidades diferentes. Inclusive, podemos apoiar-nos nas palavras do próprio Mestre: “[...] *Por que me chamas bom? ninguém é bom, senão um que é Deus*”. (Marcos 10,18 e Lucas 18,19) e “[...] *alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior que eu*” (João 14,28).

Em nossos estudos, às vezes, nos surpreendemos com informações que, além de curiosas, são fantásticas do ponto de vista de ser uma novidade. Foi o caso, por exemplo, de saber que essa ideia do “Verbo encarnado” tem correspondente no *Rig Veda*, obra de origem indiana bem anterior às escrituras judaicas.

O jornalista David Lewis (?- ), foi o primeiro autor em que vimos isso:

Se parece forçado que Jesus tenha viajado para a Índia e estudado os Vedas, e que os clérigos dos Vaticano tenham escondido os relatos budistas da viagem, lembre-se da Ecole Biblique fundada pelo Vaticano e do controle da Ecole sobre os Manuscritos do Mar Morto. Considere que Tomé, o seguidor de Cristo, viajou para a Índia, onde construiu uma missão, e que cristãos fiéis a usam para veneração até os nossos dias. Considere este verso de abertura do Evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

E este verso do mais antigo Rig Veda da Índia: “No princípio era Brahman, com quem estava o Verbo, e o Verbo é Brahman” (traduzindo-se a palavra “Vak” do sânscrito como “Verbo”. (LEWIS, 2008, p. 45, grifo nosso).

Embora cause constrangimento aos teólogos hodiernos, é de todo lógico que o Rig Veda foi a fonte primária para o autor do Evangelho Segundo João iniciar a sua narrativa. Aliás, sabe-se hoje que esse autor é um ilustre desconhecido e não, como se fez crer por muito tempo, o discípulo amado de Jesus.

Em sua obra *Três maneiras de ver Jesus*, o escritor José Pinheiro de Souza (1938- ), também fala sobre o *Rig Veda*:

O Evangelho de João é considerado por alguns estudiosos como um Evangelho gnóstico porque ele tem muitas semelhanças com os chamados Evangelhos *gnósticos* encontrados em Nag Hammadi em 1945, particularmente com o Evangelho de Tomé (ver BOBERG 2011) e ele tem também muitos paralelos com as Escrituras védicas gnósticas da Índia. No Rig Veda, por exemplo, encontramos praticamente o mesmo versículo gnóstico joanino, há pouco citado: “No princípio era Brahman [= o Deus impessoal do hinduísmo], com quem estava o Verbo [= Krishna]; e o Verbo era verdadeiramente o supremo Brahman” (apud HARPUR, 2009, p. 207). (SOUZA, 2011, p. 175, grifo nosso).

Ressalte-se que Pinheiro toma esse início de narrativa como de cunho gnóstico, o que se pode também confirmar com Harpur: “[...] Essa preexistência do Logos

ou de Sofia (a Sabedoria) era parte do pensamento judaico da época. Também era parte do pensamento gnóstico, e existem indícios consideráveis em apoio à tese de que Paulo era gnóstico. [...] (HARPUR, 2010, p. 31, grifo nosso).

E, por oportuno, trazemos informação sobre o que é o *Rig Veda*:

*Rig Veda* ou *Rigveda*, Livro dos Hinos, é o Primeiro Veda e é o mais importante veda, pois todos os outros derivaram dele. *Rig Veda* é o Veda mais antigo e, ao mesmo tempo, o documento mais antigo da literatura hindu, composto de hinos, rituais e oferendas às divindades. Possui 1.028 hinos, sendo que a maioria se refere a oferendas de sacrifícios, algumas sem relação com o culto. Independentemente do valor interno, o Primeiro Veda é valiosíssimo pela antiguidade.

Passagens geográficas e etnológicas no *Rigveda* são uma evidência de que o *Rigveda* foi escrito por volta de 1700–1100 a.C., durante o período védico em Punjab (Sapta Sindhu), fazendo dele um dos mais antigos textos de quaisquer Línguas indo-europeias e um dos textos religiosos mais antigos do mundo. (WIKIPÉDIA).

Considerando o período em que o *Rig Veda* foi escrito, certamente bem anterior ao próprio judaísmo, isso, logicamente, faz dele uma fonte primária para crenças cristãs que, comprovadamente, lhes são posteriores.

Holger Kersten (1951- ) e Elmar Gruber (1955- ) são dois estudiosos que corroboram essa origem:

A introdução do Evangelho segundo João – “no princípio era o Verbo [Logos]...” – pode ser considerada uma citação de textos budistas: “Na base [de todas as coisas] está o Dharma”. A ideia budista dos três corpos (*trikaya*) também revela muitas analogias com a trindade da teologia cristã. [...] (KERSTEN e GRUBER, 1996[?], p. 330, grifo nosso).

Vejamos, para um melhor entendimento, o que pensam, sobre este passo do João, alguns exegetas e estudiosos bíblicos, inclusive que alguns apontam outras fontes que não o *Rig Veda*:

a) A. Leterre (1862-1936):

Diz Alfred Poizat (La Vie et l'Oeuvre de Jesus), irredutível católico: “muitas pessoas se afiguram que nós, católicos, acreditamos em três deuses, numa família de três deuses, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, quando, afinal, o Filho é a Palavra (o Verbo), o pensamento do Pai e, como tal, reside em si. O Verbo está em Deus e o Verbo é Deus, diz o evangelista João; ele está em Deus, como seu princípio de atividade e de expressão: Deus nada pode fazer sem o seu Verbo, nem dispensar seu Espírito Santo, pois seu Verbo e seu Espírito, comum ao Pai e ao Verbo, estão nele, são dele e são sua tríplice maneira de ser um, de contemplar-se, de se possuir a si mesmo e de se amar”.

Ora, isso está perfeitamente de acordo com a tese de que o **Verbo** é um atributo e não um **Filho Carnal**. É uma centelha desse atributo que ele delegou a um homem puro para repor no mundo anarquizado sua primitiva lei.

Entretanto, o próprio João Batista, que o profeta Isaías, da Ordem de Rama, chamava de "Voz que clama no deserto", que vinha preparar-lhe o caminho, não tinha certeza de que Jesus fosse mesmo o Messias prometido, pois já tinham aparecido uma voz dos céus que dizia: "Este é meu filho amado, em que hoje me comprazo" (Mateus III,17), para depois, quando na prisão, mandar dois dos seus discípulos perguntar-lhe: "És tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?" (Mateus XI,3).

Só as incoerências contidas neste trecho dão margem a uma severa crítica.

Jamais Jesus se proclamou ou ensinou ser Deus, repelindo até essa classificação, como se vê em muitas passagens dos evangelhos, que seria fastidioso destacar. (LETERRE, 2004, p. 103, grifo do original).

#### b) Bart D. Ehrman (1953- ):

Outras passagens do Evangelho também não são perfeitamente coerentes com o resto. Mesmo os versículos de abertura, 1,1-18, que formam uma espécie de prólogo ao Evangelho, parecem bastante diferentes do restante. O tantas vezes celebrado poema fala do "Verbo" de Deus, que existiu com Deus desde o princípio e sempre foi Deus e se "fez carne" em Jesus Cristo. A passagem foi vazada em um estilo de alto teor poético que não se encontra no resto do Evangelho; além disso, à medida que os temas centrais são repetidos no resto da narrativa, alguns dos seus mais importantes vocábulos não são. Desse modo, Jesus é retratado durante a narrativa como aquele que veio do alto, mas nunca é chamado de o Verbo em outra passagem desse mesmo Evangelho. **É possível que essa abertura do Evangelho tenha provindo de uma fonte diferente do restante do relato e que tenha sido acrescentada como um início apropriado pelo autor depois de o livro ter sido anteriormente publicado?**

Aceitemos, por um momento, apenas para manter o argumento, que o capítulo 21 e 1,1-18 não fossem componentes originais do Evangelho. O que isso representaria para a crítica textual que pretende reconstruir o texto "original"? Qual original está sendo reconstruído? Todos os nossos manuscritos gregos contêm as passagens em questão. Dessa forma, a crítica textual pode reconstruir aquilo que originalmente eles continham? Não deveríamos considerar que a forma "original" é uma versão *primitiva*, ausente deles? E se alguém quiser reconstruir essa forma primitiva é justo ter de parar aqui, contentando-se com reconstruir, digamos, a primeira edição do Evangelho de João? Por que não ir mais longe e tentar reconstruir as *fontes* subjacentes ao Evangelho, como as fontes dos sinais e as fontes dos discursos, ou até mesmo as tradições orais que subjazem a elas? (EHRMAN, 2006, p. 72-73, grifo nosso).

#### c) Tom Harpur:

**Filon de Alexandria**, que viveu entre cerca de 25 a.C. e 50 d.C., foi um judeu brilhante pela origem religiosa e um filósofo grego por formação que viveu em Alexandria, no Egito. Leu de maneira alegórica os livros do Pentateuco (os

primeiros cinco livros da Bíblia]) e outras escrituras hebraicas, e trabalhou diligentemente para harmonizá-los com a filosofia platônica e aristotélica (Devo acrescentar que ele e todos os milhares de judeus egípcios de Alexandria liam o “Antigo Testamento” numa tradução grega chamada “Septuaginta”, criada cerca de dois séculos antes, em Alexandria.) Muitos acadêmicos acreditam que seus textos sobre o Logos divino, ou Palavra de Deus, e sobre o “filho” de Deus influenciaram grandemente o autor do prólogo do Evangelho de João. (HARPUR, 2010, p. 23-24, grifo nosso).

Enquanto S. Mateus e S. Lucas descrevem uma concepção imaculada, o Jesus de S. João tem, por assim dizer, uma concepção cósmica. Com palavras que (deliberadamente) lembram o primeiro versículo do Gênesis, o prólogo do autor diz: “No princípio era o Verbo [...]”. Observe que a menção ao Verbo ou Logos provavelmente tem origem independente num “Hino ao Logos” - Fílon de Alexandria, que já mencionamos neste livro, escreveu extensamente sobre o Logos -, mais tarde adaptado como introdução desse Evangelho. Estudiosos observaram que, depois de usar o tema do Logos dessa maneira, o autor ou editores de S. João nunca mais se referem a ele ao longo do resto do relato. Mas o mais importante para nossa investigação é que o verdadeiro sentido do Verbo tornado carne é a referência ao Cristo ou presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós. A enorme incapacidade da Igreja, ao longo dos séculos, de entender essa verdade importante, substituindo-a em vez disso por uma interpretação literal que a restringe a um indivíduo em particular – Jesus Cristo –, privou, nesse processo, todo o resto da humanidade da consciência da sua divindade. (HARPUR, 2010, p. 196-197, grifo nosso).

#### d) Huberto Rohden (1893-1981):

Que é o Cristo, o Ungido, que os antigos hebreus chamavam Messias, o Enviado?

O quarto Evangelho designa o Cristo com a palavra *Logos*, começando o texto com estas palavras:

“No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, e o Logos era Deus”.

A palavra grega *Logos* é muito anterior à Era Cristã. Os filósofos antigos de Alexandria e de Atenas, sobretudo, Heráclito de Éfeso, designavam com *Logos* o espírito de Deus manifestado no Universo. *Logos* seria, pois, o Deus imanente, em oposição à Divindade transcendente, que não é objeto de nosso conhecimento.

A Vulgata Latina traduz *Logos* por Verbo: “No princípio era o Verbo...”

*Logos*, Verbo, Cristo são idênticos e designam a atuação da Divindade Creadora, a manifestação individual da Divindade universal.

Neste sentido, o Cristo é Deus, mas não é a Divindade. E neste sentido diz ele aos Homens: “Vós sois deuses”; os homens são manifestações individuais da Divindade Universal. A primeira e mais perfeita das manifestações da Divindade Universal, no Universo, é o Cristo, o Verbo, o *Logos*, que Paulo de Tarso chama acertadamente “o primogênito de todas as criaturas” do Universo.

O Cristo é anterior à criação do mundo material. Ele é “o Primogênito de

todas as criaturas”. O Cristo não é criatura humana, mas a mais antiga individualidade cósmica, que, antes do princípio do mundo, emanou da Divindade Universal.

O Cristo é Deus, mas não é a Divindade, que Jesus designa com o nome Pai: “Eu e o Pai somos um, mas o Pai é maior do que eu”.

Deus, na linguagem de Jesus, significa uma emanção individual da Divindade universal.

A confusão tradicional entre Deus e Divindade tem dado ensejo a intermináveis controvérsias entre os teólogos. Mas o texto do Evangelho é claro: o Cristo afirmou ser Deus, mas nunca afirmou ser ele a própria Divindade. (ROHDEN, 1996, p. 23-25, grifo nosso).

#### e) Geza Vermes (1924- ):

O termo *Logos*, o Verbo, joga um papel essencial na filosofia e no misticismo gregos, com os quais João parece ter alguma familiaridade. Trata-se de um conceito central na elaboração teológica do filósofo alexandrino judeu Filo, e na especulação mística helenística conhecida como hermetismo atribuída ao deus Hermes Trismegisto (Hermes, o Três Vezes Grande). Ambos são passíveis de terem influenciado o cristianismo helênico. Tanto para Filo como para João, o *Logos* foi o instrumento de Deus ao criar o mundo, uma figura de mediação entre Deus e o gênero humano. No misticismo hermético, que busca a deificação do homem através do conhecimento, o *Logos* é chamado de “filho de Deus”. Esta locução, ecoada por “o filho unigênito que está no seio do Pai” em João, é o princípio que dá forma e ordem ao mundo. Ele também é designado na filosofia religiosa grega como Demiurgo ou “Artesão”, noção que será muito discutida no cristianismo ulterior. (VERMES, 2006a, p. 66, grifo nosso).

#### f) Karl W. Luckert (1934- ) (1):

[...] Luckert argumenta de várias maneiras a favor da inspiração egípcia do Cristianismo paulino. Sua teologia, diz ele, é uma “derivação da teologia egípcia”. Esse especialista em história das religiões vai ainda mais longe ao dizer que “não há melhor resumo da antiga teologia ortodoxa egípcia do que o prólogo do Evangelho de João: ‘No princípio era o Verbo [...]’”. De novo, ele diz que “todas as características da atividade divina” – a criação divina por meio do Logos, o Deus que gera um Filho e sua apresentação da vida eterna e uma humanidade inconstante – “são inteiramente calcadas na soteriologia egípcia” (HARPUR, 2010, p. 211, grifo nosso).

#### g) José Reis Chaves (1935- ):

No Evangelho de João (1,1), lemos: *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.*

Sabemos pela Bíblia que Deus é Espírito (um Espírito Santo em toda a acepção dessa expressão) e é Verbo – *E o Verbo era Deus.*

---

1 Teólogo citado por Tom Harpur.

E, no mesmo Evangelho de João (1,14), lê-se: *E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. Esta expressão *entre nós* não é fiel ao original, que é *em nós* (do Grego em *hemin*; e do Latim *in nobis*, como está na *Vulgata*). E por que se encarnou o Verbo em nós? Porque se encarnou em nossa espécie humana e, de um modo especial, em Jesus. *Nele habitou plenamente toda a Divindade*, como afirma São Paulo, Divindade essa que habita em nós, também, pois somos templos do Espírito Santo (de um Espírito Santo no original grego), segundo ainda São Paulo.

De fato, o nosso espírito é uma centelha divina encarnada. Em outros termos, é o Cristo ou Verbo encarnado, como parte do Aspecto Filho de Deus-Pai-Espírito, Espírito Santo. Mas, em nós o verbo não habita plenamente como em Jesus, porque essa centelha divina ainda está muita atrasada em relação à Dele. Por isso São Paulo usa a expressão: *Até que todos cheguemos à estatura mediana de Cristo*, o que ainda vai demorar um longo tempo ou várias reencarnações. E Jesus é o nosso instrutor, o modelo, justamente porque Ele está bem à nossa frente como ser humano. (CHAVES, 2011, p. 137-138, grifo nosso).

#### h) José Pinheiro de Souza:

##### JESUS É O “VERBO ENCARNADO” DENTRO DE NÓS?

Literalmente, não; mas simbolicamente, sim, conforme argumentarei nesta seção.

Como foi dito no Capítulo 2 deste livro, os Evangelhos sinópticos (Mateus e Lucas) são os mais ricos acerca do Jesus histórico, enquanto o Evangelho de João (considerado por alguns como um Evangelho gnóstico), interpretado literalmente, é o mais pobre de todos acerca do Jesus histórico, mas, interpretado simbolicamente (gnosticamente), ele é o mais rico de todos a respeito do Jesus histórico como do Jesus mítico, interpretados simbolicamente como “*Deus dentro de nós*” (“*o Cristo interior*”), conforme veremos ao longo deste capítulo.

A título de exemplificação, o Evangelho de João inicia com este versículo: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus” (João 1,1). E no versículo 14, está escrito: “E o verbo se fez carne e habitou entre nós”; na versão gnóstica do escritor espírita e ex-padre católico Carlos Torres Pastorino (profundo conhecedor do latim e do grego), a tradução correta deste versículo é esta: “E o Verbo se fez carne e construiu seu tabernáculo dentro de nós” (PASTORINO, 1964, vol. 1, p. 11) (negrito meu).

Qual o verdadeiro sentido do “VERBO TORNADO CARNE” no Evangelho de João? Esta expressão se refere *literalmente* à encarnação do “Jesus histórico” ou à presença divina encarnada em todos nós?

Esta expressão não se refere *literalmente* à encarnação do “Jesus histórico”, conforme interpretam os cristãos dogmáticos e fundamentalistas, mas à presença divina encarnada em todos nós, como bem expressa o escritor gnóstico e ex-pastor anglicano Tom Harpur, em seu livro “Transformando Água em Vinho”:

O mais importante para nossa investigação é que o verdadeiro sentido do Verbo tornado carne é a referência ao Cristo [interno] ou presença divina encarnada na vida e no coração de todos nós. A enorme incapacidade da Igreja, ao longo dos séculos, de entender essa verdade importante, substituindo-a em vez

disso por uma interpretação literal que a restringe a um indivíduo em particular – Jesus Cristo –, privou, nesse processo, todo o resto da humanidade da consciência de sua divindade (HARPUR, 2009, p. 196-197) (negrito meu).

Como afirmou Tom Harpur nessa citação, a expressão “**VERBO TORNADO CARNE**”, desses versículos joaninos, não se refere, por conseguinte, *literalmente*, à encarnação do Jesus histórico neste planeta Terra, mas à “**presença divina encarnada na vida no coração de todos nós**”.

O Jesus histórico, portanto, não é *literalmente* O VERBO ENCARNADO. No correto dizer de Carlos Torres Pastorino, “precisamos distinguir aqui entre JESUS, o homem, e o CRISTO, a força divina que impregna todas as coisas, todos os seres” (PASTORINO 1964, vol. 1, p. 13). Ou seja, JESUS não é literalmente O CRISTO (Deus dentro de nós).

Vemos, portanto, a grande importância de se distinguir o “Jesus histórico” do “Cristo cósmico” (a centelha divina em todos nós). O “Jesus histórico”, ou seja, o homem Jesus, não é *literalmente o Cristo interior* (Deus dentro de nós), embora ele possa também ser visto *simbolicamente/metaforicamente* (com muitos outros espíritos evoluídos) como a Chama Divina em todos nós. (SOUZA, 2011, p. 174-175, grifo do original).

#### i) Karen Armstrong (1944- ):

Ário queria enfatizar a diferença essencial entre o Deus único e todas as suas criaturas. Como escreveu ao bispo Alexandre, Deus era “o único não gerado, o único eterno, o único sem princípio, o único verdadeiro, o único que tem imortalidade, o único sábio, o único bom, o único potentado”. (Ário, *Epístola a Alexandre*, 2). Ário conhecia bem as Escrituras e providenciou um arsenal de textos para embasar sua teoria de que Cristo, o Verbo, só podia ser uma criatura como nós. Um texto fundamental era a passagem dos Provérbios que declara, explicitamente, que Deus *criou* a Sabedoria logo no início (4). Esse texto também afirma que a Sabedoria foi o agente da criação, uma ideia que se repete no prólogo do Evangelho de São João. O Verbo estava *com* Deus no início:

*Todas as coisas foram feitas por ele,  
e sem ele nada foi feito. (5).*

O Logos foi instrumento usado por Deus para dar existência a outras criaturas. Portanto, diferia em tudo de todos os outros seres e era de altíssima condição. Mas, tendo sido criado por Deus, era essencialmente distinto de Deus.

São João deixou claro que Jesus era o Logos; também disse que o Logos era Deus. (6) Contudo, não era Deus por natureza, insistia Ário, mas fora promovido por Deus ao status divino. Era diferente de nós porque Deus o criara diretamente e por intermédio dele criou todas as outras coisas. Deus sabia que o Logos lhe ofereceria perfeitamente, quando se tornasse homem, e, por assim dizer, antecipou a divindade de Jesus. Mas divindade não era inerente a Jesus: era apenas uma recompensa ou um presente. Mais uma vez, Ário pôde apresentar muitos textos que pareciam corroborar sua teoria. O fato de Jesus chamar Deus de “Pai” implicava uma distinção; a paternidade, por sua própria natureza, envolve existência anterior e certa superioridade sobre o filho. Ário também enfatizou os trechos bíblicos que acentuam a humildade e a vulnerabilidade de Cristo. Não tinha

nenhuma intenção de denegrir Jesus, como diziam seus inimigos. Tinha uma ideia elevada da virtude e da obediência de Cristo até a morte, que assegurara nossa salvação. Acreditava num Deus remoto e absolutamente transcendente ao mundo, como o Deus dos filósofos gregos; e adotou um conceito grego de salvação. Os estoicos, por exemplo, sempre disseram que um ser humano virtuoso podia tornar-se divino; isso também fora essencial para a visão platônica. Ário não tinha dúvida de que os cristãos estavam salvos e divinizados, participando da natureza de Deus. Isso só era possível porque Jesus abriu o caminho. Vivera uma vida humana perfeita; obedecera a Deus até a morte na cruz; como disse são Paulo, foi *por causa* dessa obediência até a morte que Deus o elevou a uma altíssima posição e lhe concedeu o título de divino de Senhor (*kyrios*). (7). Se Jesus não tivesse sido humano, não haveria esperança para nós. Se ele fosse Deus por natureza, sua vida não teria nada de meritório, nada para imitarmos. Contemplando sua vida de filho perfeitamente obediente, os cristãos se tornavam divinos. Imitando Cristo, a criatura perfeita, tornavam-se “inalteráveis e imutáveis, perfeitas criaturas de Deus”. (8).

---

5. João 1,3.

6. João 1,2.

7. Filipenses 2,6-11.

8. Ário, *Epístola a Alexandre*, 6:2.

(ARMSTRONG, 2008, p. 149-150, grifo nosso, itálico do original).

**Embora haja divergência quanto à origem da expressão, ocorre unanimidade quanto ao fato dela não estabelecer que Jesus é Deus, que só é visto dessa forma por equívoco de interpretação teológica.**

**Vamos agora, por pertinente, o que Allan Kardec (1804-1869) escreveu a respeito do tema que estamos estudando.**

#### § VIII — O VERBO SE FEZ CARNE

“No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. – Ele estava no princípio com Deus. – Todas as coisas foram feitas por ele e nada do que foi feito o foi sem ele. – Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. – E a luz brilhou nas trevas e as trevas não a compreenderam.

“Houve um homem enviado de Deus, que se chamava João. – Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos cressem por ele. – Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

“Aquele era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este mundo, e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o conheceu. – Ele veio à sua casa e os seus não o receberam. – Mas, ele deu a todos que o receberam o poder de se tornarem filhos de Deus, àqueles que creem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

“E o Verbo foi feito carne e habitou entre nós e vimos a sua glória, qual a que o Filho único havia de receber do Pai; e ele, digo, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.” (S. João, 1:1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também a que serviu de base, mais tarde, à controvérsia a tal respeito. A questão da divindade de Jesus surgiu gradativamente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações que alguns deram às palavras *Verbo* e *Filho*. Só no quarto século uma parte da Igreja a adotou, em princípio. Semelhante dogma resultou, pois, de decisão dos homens e não de uma revelação divina.

É de notar-se, antes de tudo, que as palavras acima citadas são de João e não de Jesus e que, ainda quando se admita que não tenham sido alteradas, elas não exprimem, na realidade, mais que uma opinião pessoal, uma indução, em que se depara com o misticismo habitual da sua linguagem; não poderiam, pois, prevalecer contra as reiteradas afirmações do próprio Jesus.

Mesmo, porém, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de modo algum a questão no sentido da divindade, porquanto se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo recebido diretamente de Deus a palavra, com a missão de a revelar aos homens, ele a assimilou. A palavra divina, de que se penetrara, encarnou nele; ele a trouxe consigo ao nascer e assim é que João pôde com razão dizer: *O Verbo foi feito carne e habitou entre nós*. Jesus podia, pois, ter sido encarregado de transmitir a palavra de Deus, sem ser o próprio Deus, como um embaixador transmite as palavras do seu soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus quem fala; na outra hipótese, ele fala pela boca do seu enviado, o que nada tira à autoridade das suas palavras.

Mas, quem autoriza esta suposição, de preferência a outra? A única autoridade competente para decidir a questão é a das próprias palavras de Jesus, quando diz: *“Não tenho falado por mim mesmo; aquele que me enviou foi quem me prescreveu, por seu mandamento, o que tenho de dizer. – A doutrina que prego não é minha, mas daquele que me enviou; a palavra que tendes ouvido não é palavra minha, mas de meu Pai que me enviou.”* A ninguém fora possível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é atribuída em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; o que obedece não pode ser igual ao que manda. João caracteriza esta posição secundária e, por conseguinte, estabelece a dualidade de entidades, quando diz: *E vimos a sua glória, tal como o Filho único devia recebê-la do Pai*, visto que aquele que recebe não pode ser o que dá e aquele que dá a glória não pode ser o igual daquele que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um único ser sob dois nomes diferentes, entre eles não poderia existir supremacia, nem subordinação. Ora, não havendo paridade absoluta de posições, segue-se que são dois seres distintos.

A qualificação de *Messias divino* não exprime que haja mais igualdade entre o mandatário e o mandante, do que a de *enviado real* entre um rei e seu representante. Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus. (KARDEC, 2006a, p. 163-166, grifo nosso).

Com o que disse Kardec faz coro com o pensamento dos exegetas e estudiosos apresentados neste estudo.

Dois passos bíblicos podem nos ajudar no entendimento sobre qual era o papel de Jesus para os autores de duas cartas constantes do NT; são eles:

*2 Coríntios 4,3-4: "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus".*

*Colossenses 1,15: "o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação"*

Comparando-se Cristo como sendo a "imagem de Deus" ou "imagem do Deus invisível" fica claro que, para os autores destas cartas, Jesus não era Deus, pois uma imagem, embora reflita o real, trata-se tão somente de uma imitação. Caso o tomassem como a própria divindade, jamais poderia ser feita essa comparação; afirmariam categoricamente: "o qual é Deus".

Reza Aslan (1972- ), nos informa da concepção de Paulo, autor da segunda carta aos coríntios e, provavelmente, inspirador do autor da carta aos colossenses:

O Cristo de Paulo não é nem mesmo humano, embora tivesse assumido a semelhança de um ser humano (Filipenses 2:7). Ele é um ser cósmico, que existia antes do tempo. Ele é a primeira das criações de Deus, por meio de quem se formou o resto da criação (1 Coríntios 8:6). Ele é o Filho gerado por Deus, a descendência física de Deus (Romanos 8:3). Ele é o novo Adão, nascido não do pó, mas do céu. No entanto, enquanto o primeiro Adão foi feito alma vivente, "o último Adão", como Paulo chama Cristo, tornou-se "um espírito vivificante" (1 Coríntios 15,45-47). Cristo é, em suma, um novo ser abrangente. Mas ele não é único, é apenas o primeiro da sua espécie: "O primogênito entre muitos irmãos" (Romanos 8:29). Todos os que creem em Cristo, como Paulo faz – os que aceitam os ensinamentos de Paulo sobre ele –, podem tornar-se um com ele, em uma união mística (1 Coríntios 6:17). Por meio de sua crença, seus corpos serão transformados no corpo glorioso de Cristo (Filipenses 3:20-21). Eles vão se juntar a ele em espírito e repartirão sua semelhança, que, como Paulo lembra a seus seguidores, é a semelhança de Deus (Romanos 8:29). Assim, como "herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo", os crentes podem também tornar-se seres divinos (Romanos 8:17). Eles podem se tornar semelhantes a Cristo em sua morte (Filipenses 3:10), isto é, divinos e eternos, com a responsabilidade de julgar ao lado dele toda a humanidade e também os anjos do céu (1 Coríntios 6:2-3). [...]. (ASLAN, 2013, p. 206-207, grifo nosso).

Não vimos nada em que se possa apoiar para dizer que, para Paulo, Jesus seria Deus.

Um outro passo que, às vezes, também é apresentado como prova de que Jesus é Deus:

1 Timóteo 3,16: *"E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Deus se manifestou em carne, foi justificado no Espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo, recebido acima na glória".*

Aqui nos encontramos, mais uma vez, diante de um texto cujos tradutores divergem quanto à sua tradução. A parte grifada desse passo, que se refere a Jesus, é encontrada, em várias obras, com o seguinte teor:

- a) Deus se manifestou em carne: SBTB.
- b) Com que Deus se manifestou em carne: Barsa.
- c) Que se manifestou na carne: Paulinas (1957, 1977 e 1980).
- d) Manifestado na carne: Ave-Maria e Santuário.
- e) Manifestou-se corporalmente: Bíblia do Peregrino.
- f) Ele se tornou um ser humano: SBB (NTLH).
- g) Ele foi manifestado na carne: Tradução do Novo Mundo, Bíblia de Jerusalém (1987 e 2002), TEB e Vozes.
- h) Ele se manifestou na carne: Pastoral.
- i) Aquele que foi manifestado na (em) carne: Shedd, Mundo Cristão, SBB e Champlin.
- j) Ele se manifestou em forma humana: NT Loyola.

Observe, caro leitor, que das 20 transcrições, apenas duas (a e b) têm como referência Deus e não Jesus, o que demonstra claramente a intenção dos tradutores de deificar o Mestre de Nazaré, ainda que isso contrarie o teor dos textos.

Não podemos deixar de informar que as epístolas atribuídas a Paulo, atualmente sofrem sérios questionamentos quanto a serem, realmente, de autoria dele:

A redação de algumas cartas paulinas, a composição de alguns escritos pseudoepígrafos atribuídos a ele e a reunião de seu legado literário, foram possivelmente obra da "escola paulina", um grupo de pessoas conhecedoras e admiradoras da figura e da obra do apóstolo. Esta escola compilou as cartas autênticas e compôs outras "novas": Cl, Ef, 2Ts, 2Tm e Tt, publicando finalmente o corpo completo (Schenke). (BARRERA, 1999, p. 278, grifo nosso).

[...] Há falsificações paulinas dentro do Novo Testamento? Mais uma vez há aqui um amplo consenso acadêmico. Há 13 cartas cuja autoria é atribuída a Paulo,

quase a metade dos livros do Novo Testamento. Mas é provável que seis delas não tenham sido escritas por ele. Acadêmicos chamaram essas seis de epístolas “deuteropaulinas”, significando que têm uma posição “secundária” no corpo dos escritos de Paulo.

Quase todos os estudiosos concordam que sete das epístolas paulinas são autênticas: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemom. Essas sete são coerentes e parecem, estilística e teologicamente, e em quase todas as outras características, ser da mesma pessoa. Todas são atribuídas a Paulo. Há poucos motivos para duvidar de que realmente foram escritas por ele.

As outras seis diferem significativamente desse núcleo de sete. Três delas – 1 e 2 Timóteo e Tito – são tão parecidas que a maioria dos acadêmicos está convencida de que foram escritas pela mesma pessoa. As outras três em geral são atribuídas a três autores diferentes. O consenso acadêmico é maior em relação ao primeiro grupo de três. [...]. (EHRMAN, 2013, p. 97-98, grifo nosso).

As três cartas consideradas falsificações por Ehrman são: 2 Tessalonicenses, Efésios e Colossenses (EHRMAN, 2013, p. 109-118).

Esses dois pontos – o problema de tradução e as obras que não têm como autor aqueles aos quais são atribuídos os textos – encaixam-se muito bem naquilo que falamos a respeito de acreditarmos piamente no que os teólogos do passado defenderam como verdade. E, para reforçar isso, destacamos mais as seguintes situações:

a) admitir João como o autor do quarto Evangelho, mesmo sabendo que ele era homem “iletrado e inculto” (Atos 4,13) ter escrito em grego puro (CHAMPLIN, 2005b, p. 252), do que “[...] pode-se salientar o fato que o grego usado por João em muito ultrapassa o que se poderia esperar de um judeu galileu sem grande cultura. [...]. (CHAMPLIN, 2005b, p. 253).

b) em João 1,14 é dito que Jesus é “*unigênito*”, enquanto em Colossenses 1,15 já afirma ser “*primogênito*”, num evidente conflito, uma vez que ambas as situações não podem ser aplicadas simultaneamente a uma mesma pessoa.

c) aceitar o passo de João 10,30: “*Eu e o Pai somos um*” como se Jesus tivesse se declarando Deus, sem levar em conta o teor desta outra Sua fala: “[...] *porque o Pai é maior que eu*” (João 14,28) e que ele recomendou aos discípulos: “[...] *que sejam um, como nós somos um*” (João 17,22), o que não o eleva à categoria de Deus, mas evidencia o sentido figurado do versículo 10,30.

d) admitir que Elias tenha sido arrebatado fisicamente ao “céu” (2Reis 2,11) mesmo que isso contrarie “*o espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada*” (João 6,63) e “*a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus*” (1Coríntios 15,50).

e) fazer vistas grossas às diversas falas de Jesus, nas quais se vê claramente que Ele não é Deus, entre elas a que afirma ter que anunciar a Boa Nova a outras cidades, pelo motivo de *“para isso é que eu fui enviado”* (Lc 4,43), porquanto, se Jesus disse ter sido enviado, é porque ele não se considerava o próprio Deus.

f) não levar em conta que ao dizer *“Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e Vosso Deus”* (João 20,17) Jesus se iguala a nós e não a Deus.

g) não entender que a afirmação que *“[...] Jesus foi levado ao céu, e sentou-se à direita de Deus”* (Mc 16,19) leva-nos à conclusão de que ele não pode estar sentado à sua própria direita, portanto, trata-se de uma individualidade diferente de Deus.

i) Considerando que Jesus disse *“[...] Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse”* (Jo 17,4-5), então somos forçados a considerar que ele foi criado em algum momento, já que antes da Terra existir já existiam milhares de outros planetas, portanto, ele não é eterno como sabemos que Deus é.

Muitos outros conflitos e contradições poderíamos apresentar aqui, mas tornaria extenso esse nosso texto e, também, fugiria do seu objetivo. Uma coisa é fato: *“A verdade não é difícil de eliminar e uma mentira bem contada é imortal”*. (Mark Twain).

Então, de nossa parte, ficamos convencidos de que o texto de João não se trata de afirmar que Jesus é Deus; porém, como muito bem disse Kardec, *“A crença é um ato de entendimento que, por isso mesmo, não pode ser imposta”* (KARDEC, 2007d, p. 88), com o que plenamente concordamos.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Jan/2014.

#### Referências bibliográficas:

- ARMSTRONG, K. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- ASLAN, R. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BARRERA, J. T. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CHAVES, J. R. *A face oculta das religiões: uma visão racional da Bíblia*. Santo André, SP: EBM Editora, 2011.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo*. Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2005b.
- EHRMAN, B. D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. *Quem escreveu a Bíblia?: porque os autores da Bíblia não são quem pensamos que são*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- KARDEC, A. *O céu e o inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 2007d.

- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006b.
- KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008.
- KERSTEN, H. E GRUBER, E. R. *O buda Jesus – as fontes budistas do cristianismo*. São Paulo: Best Seller, 1996(?).
- HARPUR, T. *Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os Evangelhos*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- LETERRE, A. *A vida oculta e mística de Jesus*. São Paulo: Madras, 2004.
- LEWIS, D. A leste de Qumran: em busca das raízes da fé ocidental. In KENYON, J. D. (org) *O que a Bíblia não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião ocidental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 37-46.
- MARQUES, L. A. *História das religiões e a dialética do sagrado*. São Paulo: Madras, 2005.
- ROHDEN, H. *Que vos parece do Cristo?* São Paulo: Martin Claret, 4ª ed. 1996 (?).
- SOUZA, J. P. *Três maneiras de ver Jesus: a maneira histórica, a mítica literal e a mítica simbólica*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- VERMES, G. *As várias faces de Jesus*. Rio de Janeiro: Record, 2006a.